Não confundamos!

(Resposta ao Sr. Dr. Jorge Bertolaso Stella, de São-Paulo)

BENIGNO FERRARIO
(sócio correspondente)

A um estudo crítico do livro "**Estado actual del Estudio de las Lenguas Indígenas que se hablaron en territorio hoy argentino etc.** por Antonio Portnoy, Buenos Aires, 1936", que eu publiquei no diário **La Mañana** de Montevidéu, no dia 20 de Janeiro de 1937, respondeu o Sr. Dr. J. Bertolaso Stella, com um folheto de oito páginas, titulado "Carta Glotológica em defesa do monogenismo linguístico", a mim pessoalmente dirigido, pois ao autor dessa carta, não o preocupava o objeto principal da minha crítica, mas apenas uma parte, a "que dá a impressão de terem sido um fracasso as pesquisas de Alfredo Trombetti com relação ao monogenismo linguístico".

Transcreve o trecho que contraria os seus convencimentos e faz, à continuação, umas quantas objeções muito pouco acertadas, a modo de confutação, às quais sinto a necessidade de responder, bem que tarde, devido ao pouco tempo de que disponho e por que eu queria fazê-lo numa revista brasileira, e na mesma lingua.

Diz o Sr. Dr. Bertolaso Stella: "A mim repugna admitir que a comissão, composta de homens como Ascoli, Schuchardt, Comparetti, D'Ovidio e Monaci, recompensasse apenas o esforço, a erudição de Trombetti, se tivesse visto e percebido que suas afirmações não tinham fundamento algum, em uma palavra: fossem mera fantasia."

Sinto ter que desiludir o meu estimado contraditor, mas a comissão acadêmica estava contra o trabalho apresentado para o prêmio, precisamente por que "suas afirmações não tinham fundamento algum", já que as PROVAS QUE ALÍ SE DAVAM NÃO ERAM PROVAS (D'OVIDIO houve que exclamar "MA QUESTO É IL "FINIS FILOLOGIAE"!), e o prêmio não teria sido assinado a não ser pela insistência do Prof. Ascoli, que tambem não via que os fins a que se tinha proposto o autor houvessem sido provados, como o expressa claramente a declaração explícita que fez na sessão

solene da Real Academia: "NON SI VUOL GIÁ DIRE CHE L'INTENTO SIA VAGGIUNTO; NÉ L'AUTORE IL PRESUME." Nem o autor o pretendia então! Repito: foram premiados os grandes sacrifícios suportados desde a puerícia, a vida de duras privações, só animado ele pelo ideal grandioso que encheu toda a sua vida de estudioso e de sábio. Foi premiado o autodidático assombroso, que soube alcançar um conhecimento linguístico universal, sem necessidade de mestres (era somente doutor em letras, preparação insuficiente para cometido tão grande), sustentado por uma vontade de ferro, ajudado por uma memória prodigiosa.

Todos estes pormenores me são familiares, por que então eu me achava em Milão, e iniciava, naquela Faculdade de Filosofia e Letras, os meus estudos linguísticos. A obra de Trombetti discutia-se muito (até nos jornais) e lembro-me de que foi objeto de duas lições especiais por parte do Prof. C. Salvini (sucessor de Ascoli na cátedra de história comparada das linguas clássicas e neolatinas), quando apareceu o livro **"L'Unità d'origine del linguaggio"**, mostrando-nos como e por que carecia de valor provatório, cousa que, alguns anos depois, me foi possivel ver com toda a claridade, devido a maior preparação e experiência.

A juntar: "Era natural que assim se expressasse [Ascoli], pois era uma doutrina que vinha abalar as opiniões do tempo, erguendo-se contra a ciência glotológica da época" é afirmar um erro. A "ciência da época" não era nem poli- nem monogenista. Havia, então, como há agora, partidários desta ou daquela tendência, e nada mais. A ciência será monogenista ou poligenista, somente no dia em que se possuirem provas (que realmente provem) num sentido ou outro; mas, até hoje, não as temos. Ascoli e todas as pessoas realmente competentes em glotologia não se referiam à finalidade, senão ao trabalho em si. Não é lícito confundir uma cousa com a outra. Na obra de Trombetti (assim como em qualquer outra de natureza científica) há duas questões que todo crítico tem o dever de separar: a) a teoria que o autor sustenta e b) a sua demonstração. A primeira, nenhum homem realmente "de ciência" a pode a **priori** impor ou recusar; trata-se de uma teoria como qualquer outra, cujo êxito estará subordinado ao valor provatório do que seja apresentado em seu favor ou contra ela. A segunda só é discutivel. E os peritos e especialistas a analisaram, mas a julgaram falta de valor provatório, pela simples razão de que — como já disse — as provas apresentadas alí não tinham tal cousa.

Trombetti nunca chegou a dar-se conta do que era, em sua realidade, a Ciência da Linguagem. Permaneceu sempre superficial

e empírico, contentando-se com as falsas semelhanças e assonâncias externas. Bastava-lhe que a cor do estanho e da prata, a do latão e do ouro fossem quase idênticas, para afirmar que se tratava de um mesmo metal. Nada queria saber da constituição atômica fundamentalmente diferente, do peso específico, da resistência, etc., etc. A glotologia indo-européia, nunca a compreendeu, segundo ele mesmo afirmou. Quando, pela primeira vez, se achou em presença dessa formidavel e complexa construção, ficou desorientado por completo, como quem, acostumado à limitada complicação dos escritos de divulgação sobre física e química, abre um tratado dessas matérias, cheio de fórmulas matemáticas e de construções geométricas. Alguns procuram no estudo das matemáticas e em cursos graduados a guia que lhes permita dirigir-se dentro desse labirinto de fórmulas; a quase totalidade, fecha o livro horrorizada.

O nosso autor preferiu prescindir da glotologia indo-européia e da única técnica científica; contentou-se da metodologia dos semitistas, que ainda os temos arrastando-se à superfície, tenteando sem descanso o terreno e sem poder penetrar uns centímetros ao menos em profundidade. Trombetti cria que, para demonstrar a afinidade de dois ou mais idiomas, basta a presença de umas poucas vozes que se assemelham, quando, pelo contrário, a gente necessita a análise de todo o seu organismo gramatical e, enquanto ao seu léxico, é indispensavel a concordância da fonética e dos elementos constitutivos. Nunca investiga a árvore genealógica de cada palavra, elemento ou forma que dá como exemplo. Todo Peres deve descender do tal Peres que em 1300 e tantos o rei Fulano fez conde! Por isso confrontava, por ex., o latim **habere** com o alemão **haben**. A fonética comparada das linguas indo-européias, porem, mostra, por meio de provas que fazem fé, que o **h** latino não corresponde ao **h** germânico. **Habere** e **haben** não são descendentes de um progenitor comum. Ao **h** do latim responde o germânico com o **g** (de **ga, go, gu**); **habere,** pois, encontra o seu correspondente etimológico no godo **gabei** "riqueza", **gabeigs** "rico", e, fora do domínio germânico, no irlandês **gabiam** "tenho, tomo", todos de uma raiz de tipo ***ghabh**. Pelas mesmas causas, do indo-europeu com um ***ghostis** "estrangeiro", derivam: latim **hostis** "estrangeiro> inimigo" e alemão **Gast** "estrangeiro> hóspede".

Enquanto ao **h** alemão, tem como correspondente, em latim, o **c** de **ca, co, cu**. De √—***kap-**, descendem, de uma parte, o latim **cap-i-o** "agarro, contenho, admito, obtenho", e outros significados derivados, **cap-tu-s** "tomado, agarrado", etc.; ant. irlandês **cacht** "criada, serva", propriamente a "cativa"; ant. gálico **-capto-** (segunda

parte de nomes próprios); grego **kôpê-** "a parte pela qual se agarra alguma cousa"; armênio **kapem** "ato"; russo, lituano **kop-**, etc. Pela outra, o godo **haf-j-an** (ler: háfian) "levantar", **hafts** "cativo"; ant. alemão **héffen**, mod. al. **hében**, ingl. **to have**. Enquanto ao mod. al., em questão, **haben**, antigo **hab-e-n**, vem de **kap-e-**, forma derivada da referida √— ***kap-**.

Todos os livros de Trombetti são assim. Abro por acaso os "Elementi di Glottologia" e, ao princípio da pág. 212, que encontro? Uma palavra do Ewe e do Logone (África), confrontada com outra definida como indo-européia, outra Khmer, outra Stieng (Indochina), outra China, outra Guaykurú (Chaco), outra Kanuri, outra Teda (de volta à Africa), outra Georgiana (Cáucaso), outra Vógula (Urálico), outra Mongólica (Ásia central)!!! E ainda por cima dissecadas arbitrariamente. (É nem mais nem menos que apresentar, escolhendo ao acaso, um elefante, um canário, um peixe qualquer, um bicho-da-seda, uma estrela-do-mar, uma mosca, etc., e, como todos mostram apêndices, afirmar que, por essa afinidade, fica demonstrada a sua descendência de um animal único, progenitor comum de todas essas espécies!) A págs. 209, leio: "Il nome semitico dell'Egitto, Micr, deriva de *Mikir [mas as provas, onde estão? não basta afirmá-lo por comodidade de demonstração], forma identica al nome dei Mikir indocinesi"!?!

É inutil esgrimir continuamente o estribilho, já tão usado por Trombetti mesmo, de que "se um hipercrítico tivesse pretendido de Bopp rigorosas demonstrações", etc., etc. Isto é desconhecer os livros de Franz Bopp. Ele magistralmente estudou o sistema inteiro da conjugação indo-européia, completamente e em seus detalhes, demonstrando assim o parentesco; só lhe faltou estabelecer as leis fonéticas, mas a comparação morfológica não pode, ainda hoje, ser posta em dúvida. Bopp, alem disso, analisou profundamente as formas de uma só familia, não se contentou com tomar umas palavras mais ou menos semelhantes da India, Irlanda, Armênia, Alemanha, e de alguma lingua romance, para logo confrontá-las com outras americanas, polinésicas, africanas, australianas, proclamando que, por essas semelhanças, todos os idiomas do mundo são derivação de um só.

Outra afirmação inteiramente equivocada é a seguinte: "Como se sabe, há especialistas em certos grupos de linguas que não tem um conhecimento profundo da glotologia geral comparada." Não existe uma glotologia geral comparada, sobretudo em pugna com as particulares e delas independente. A "glotologia geral" só é o conjunto das particulares, ou, melhor, é o resultado destas. Se

um sanscritista, demonstra que o manifestado num livro, por certo autor, sobre sânscrito, em tudo está equivocado; depois, um semitista põe de manifesto que tambem não há mais que erros em quanto ao semitico se refere, e, assim por cada grupo ou familia, um especialista vem a provar que o autor em questão somente fez afirmações absurdas no campo da sua especialidade, é óbvio que a obra inteira se vai desmoronando pedaço a pedaço, até não ficar, por último, mais que o papel no qual foi impressa. Pretender agora que essa mesma obra, de todo errada em cada uma de suas partes, seja uma verdade irrepreensivel, tomada no seu conjunto, é algo tão absurdo que deixa a qualquer atônito.

Tão pouco afortunada é a afirmação: "A estes estudiosos [os professores Scerbo (não Scherbo), Formichi e Pavolini] respondeu Trombetti com uma obra cuja dialética serve de modelo: "Come se fa la critica di un libro". É pena que alguns críticos de Trombetti desconheçam este livro." Se o meu contraditor houvesse lido tambem as críticas a Come si fa la critica, etc., dos professores Ceci, Formichi e Pavolini — especialmente —, pode ser que não tivesse manifestado um lirismo tão excessivo. Enquanto à insinuação final, alem de inutil (por que o livro, comprei-o em Itália, em 1907, logo que apareceu), é contraproducente, já que quem não está documentado completamente é ele.

Enquanto às pessoas que o Dr. Bertolaso Stella afirma tem dado razão a Trombetti, há ainda um equivoco. Tem de ser elas divididas em duas classes: as que se mostravam favoraveis à sua teoria (que não foi tão pouco exclusivamente sua: ele foi, provavelmente, o maior paladino, por que há muitíssimo tempo que há gente que "combate" em favor dela e contra ela) e aquelas que tomavam em consideração objetivamente o valor provativo de seus escritos.

Dos primeiros é inutil ocupar-se alguem; como já disse, uma cousa é ser partidário do monogenismo e outra é estabelecer se a metodologia de Trombetti foi de todo científica. Ocupar-me-ei, por tanto, unicamente dos segundos.

Aponta o meu contraditor os professores M. Bártoli e C. Tagliavini, glotólogos de valor, sérios e bem conhecidos por seus escritos. Do primeiro diz: "O glotólogo M. Bártoli, professor na Universidade de Turim, no seu interessante estudo **Linguaggi pre-colombiani** [realmente se trata de outro, isto é: **Ancora delle origini dei linguaggi pre-colombiani alla luce delle origini delle norme spaziali**], em **Mélanges de linguistique et de philologie offerts à J. van Ginneken**, escreve este trecho, que revela sua imparcialidade e ao mesmo

tempo seu conceito com relação à doutrina de Trombetti: "**delle numerose "Comparazioni lessicali", la massima parte non può resistere al martello della critica. Dico la massima parte. Ma quella parte minima basta per impensierire anche i più convinti poligenisti**". E mais adiante: "**L'altra conclusione è che la monogenesi dei linguaggi del Globo è di gran lunga più probabile che la poligenesi. Così pensano oggi parecchi linguisti, e fra questi sono lieto di vedere l'eminente maestro al quale è dedicato questo volume**"."

Mas o Dr. Bertolaso Stella cita só a meio. Bártoli, a págs. 132, umas linhas antes, dizia: "... **le concordanze dalle quali egli** [Trombetti] **partiva per affermare la provenienza asiatica di tutti i linguaggi pre-colombiani SI ASSOMIGLIAVANO A QUELLE DE LUI ADOTTE IN FAVORE DELLA MONOGENESI DEI LINGUAGGI DEL GLOBO. LE UNE I LE ALTRE SONO IN MASSIMA PARTE IPOTESI AUDACISSIME** [quem sublinha sou eu]"... E a págs. 123 manifesta: "...**ambedue le tesi, della monogenesi e della poligenesi, sono tutt'altro che dimostrate e non sono oggi dimostrabili**". Isto é: a) das duas teorias, o monogenismo seria o mais provavel, **MAS AMBAS ESTÃO LONGE DE TER SIDO DEMONSTRADAS E NÃO SÃO DEMONSTRAVEIS**; b) Trombetti só emitia hipóteses, que em sua quase totalidade não resistem ao martelo da crítica. Pois bem, que mais se quer? Depois de semelhantes manifestações de um dos desfensores da obra de Trombetti, como é possivel ao Dr. Bertolaso Stella insistir ainda em que "O Sr. Portnoy... disse uma verdade incontestavel quando afirmou que "**la ciencia del lenguage recibe la maciza aportación de la obra glotológica de Alfredo Trombetti**"? Onde fica essa "aportación", se nada soube demonstrar?

O outro defensor, C. Tagliavini, assim define a obra de Trombetti, no Vol. XXXIV, pág 402, da "Enciclopedia Italiana" (**sub voce** Trombetti): "**Il Trombetti fu un linguista dotado di grande ingegno, tenacissima memoria e immensa audacia. Occupandosi di tutte le lingue del mundo è sovente incorso in errori nel considerare come elemento ascitizio una parte della radice, o viceversa; nel considerare come indigene delle voci sicuramente mutuate da altre lingue, ecc.** [o ecc. não é meu]... **Per quanto il suo difetto principale sia stato di non sentire il linguaggio come fenomeno psicologico e di considerarlo quasi all'infuori della vita, e per quanto egli non abbia saputo esercitare una severa auto-critica, pure molti dei risultati intravvisti dal Trombetti, SONO STATI DIMOSTRATI GIUSTI DA ALTRI studiosi** [quem sublinha sou eu] **e non è imprudente affermare che più ancora lo saranno in avvenire...**"

Em outras palavras, temos um mesmo resultado: Trombetti

nunca demonstrou nada. Ás vezes, adivinhou, vislumbrou alguma realidade, mas não a demonstrou; contentou-se com afirmá-la, como de costume. Outros tiveram depois que provar o que ele não soube. É inutil, por consequência, que o meu contraditor me nomeie todos os estudos particulares de Trombetti (que tenho desde a sua aparição) e insista em que neles haja isto ou aquilo que foi demonstrado exatamente ou aceitado por Fulano e Beltrano. Trombetti, há que reconhecê-lo, quando examinava um limitado problema, por ex. **"Le origini della lingua basca", "La posizione linguistica dell'Elamitico"**, la **"Antica toponomastica mediterranea (Saggio di...)"**, etc., emprega um método muito melhor, acerca-se a uma solução realmente científica, acertando em várias particularidades; mas de pronto cai nas elucubrações monogenísticas e alí começa tudo o que lhe foi reprovado e censurado até por seus defensores, arruinando o que estava bem encaminhado.

Aquí dou por terminado o que a Trombetti se refere, reafirmando o que já disse: **"Su entera producción, cientificamente, es nula porque falta de valor provativo"**, e passo, de uma vez, ao período final, com o qual o meu contraditor termina a sua "Carta Glotológica". É o seguinte: "A V. E., professor catedrático de glotologia e diretor do Instituto de Investigações Linguísticas da Universidade, compete, sem dúvida, provar **com provas** [quem sublinha é o Dr. Bertolaso Stella] que o poligenismo e não o monogenismo linguístico é o certo. Só então poderá afirmar categoricamente: **"Sua obra glotológica es nula"**."

Deixando de parte o conjunto algo despeitoso, devo uma vez mais insistir em que não é licito julgar sobre equívocos. Eu não tenho emitido juizos nem opiniões em favor ou contra a monogênese da linguagem. O Dr. Bertolaso Stella, em sua qualidade de Pastor Evangélico, estará persuadido da origem única das linguas humanas e não quero discuti-lo. Cada um com os seus convencimentos. Mas eu, como glotólogo, não tenho opiniões apriorísticas, sem contar que o assunto não me interessa em absoluto, tanto mais que, dado o estado atual de nossos conhecimentos e possibilidades, não entrou ainda na órbita da Ciência da Linguagem.

Não é, por isso, procedente esse "desafio" final. Não me "compete, sem dúvida, provar **com provas** que o poligenismo e não o monogenismo linguístico é o certo", pela única razão de que em todo o meu artigo não me ocupei de tal assunto. A única cousa que alí julgava desfavoravelmente era a obra de Trombetti e as afirmações equivocadas de quem queria apresentá-la como uma prova irrefutavel.

Não se defendem convicções pessoalíssimas confundindo uma cousa com outra e deslocando a questão. E deploravel, sobretudo, é o fato de me atribuir, sem fundamento, prevenções que não possuo, nem tenho manifestado. Nunca deixo de expor, àqueles que assistem aos meus cursos na Universidade, que, hoje por hoje, tanto a poli- como a monogênese das linguas só podem ser artigos de fé, assim como que nenhuma das duas teorias é possivel provar.